

Primeiras anotações sobre a paidéia roussouniana

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo apresentar as primeiras anotações sobre a essência da educação pensada pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau, isto é, sua *Paidéia*. Configura-se a gênese da formação humana a partir dos dois nascimentos abordados pelo autor: um para o existir e outro para o viver; um para a espécie outro para o sexo. Reflete-se sobre a capacidade do fenômeno educativo de ativar no indivíduo o vigor, desejo e ânsia de torná-lo um ser humano apto a aprender, simultaneamente, a mandar e a obedecer, tendo como fundamento a justiça e a benevolência, tal qual pregava a pedagogia grega e que está ratificada no livro *Emílio ou da Educação*, ponto de partida dessas reflexões. Finalmente, trabalha-se a concepção do amor-de-si como um indício para a construção de uma prática pedagógica efetivamente a serviço da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Paixões naturais; Desenvolvimento humano; Prática pedagógica.

Jilvania Lima dos Santos

Doutoranda FAGED/UFBA
Professora e Coordenadora do
Núcleo de Prática de Ensino,
do Curso de Letras,
das Faculdades Jorge Amado
jlimas@uol.com.br

Mary de Andrade Arapiraca

Professora Adjunta da Faculdade de
Educação da UFBA
marya@ufba.br

Anotação I: Breves palavras ou sobre a proposta pedagógica de Jean-Jacques Rousseau e suas implicações

Na proposta de Jean-Jacques Rousseau (1999), um de seus propósitos fundamentais consiste em habilitar o ser humano a crescer como um todo na posse de suas potencialidades e possibilidades criativas, usando-as para seu benefício pessoal e de outros, sempre, em busca da felicidade.

Daí deriva uma de suas preocupações centrais: os meios favoráveis pelos quais uma pessoa poderia viver a melhor vida para si mesma como ser autônomo e de relação. Rousseau critica a sociedade, evidenciando as deformações e sofrimentos que, ordinariamente, ela inflige às pessoas, e mostra o que seria um indivíduo se, fiel à sua natureza, fosse criado de acordo com os princípios descritos no seu livro *Emílio ou da Educação*, que, do começo ao fim, está a serviço desse propósito superior.

Rousseau enfatiza, nessa obra, que é possível o duplo objetivo de *ser para si próprios e ser para outros* de um modo que o

indivíduo não flutue entre as suas inclinações e os seus deveres. Para este autor, a finalidade da vida humana é a felicidade, mas ninguém pode, segundo ele, concordar sobre como a encontrar, somente em seu próprio coração uma pessoa sabe o que necessita para ser feliz, tudo do que pode estar certa é que ela *é, existe e se relaciona*, devendo confiar nos seus sentimentos, nos seus mais profundos pensamentos.

Conforme a cronologia da vida e obra de Jean-Jacques, apresentada por Michel Launay, durou cerca de cinco anos a concepção do *Emílio*. O seu início data de 1757, quando Rousseau, na *nova Heloísa*, aborda a educação dos filhos de Julie, e 1758, ao discutir sobre os problemas da educação pública e privada, através de cartas, com o Procurador geral Tronchin, terminando sua primeira versão após um ano. Em 1760, apresenta duas versões da obra, confiando seu manuscrito definitivo à senhora de Luxemburgo. Em 1761, o livro foi impresso e, no ano seguinte, ao ser publicado em Paris, foi condenado a ser queimado e o autor a ser preso. O mesmo aconteceria em Genebra pouco tempo depois.

Para Paul Strathern (2004), essa obra contém uma mistura curiosa do romantismo de *Júlia ou a nova Heloísa* e do republicanismo do *Contrato Social*, sendo que a preocupação de Rousseau, no *Emílio*, é com a liberdade pessoal e com a maneira como essa liberdade pode possibilitar o alcance da satisfação, felicidade e sabedoria do indivíduo e não da sociedade. De acordo com este pesquisador, Jean-Jacques se consagra por ser um crítico implacável do processo civilizatório, exaltando a livre expressão do espírito criativo sem se subjugar às tradições e regras formais.

Parece-nos que é unânime, entre os estudiosos do filósofo genebrino, o reconhecimento da sua intelectualidade, no entanto, alguns salientam que, na maioria das vezes, suas reações foram inspiradas por suas emoções exacerbadas. Strathern acredita, ainda, que as idéias de Rousseau inspiraram o melhor e o pior das transformações políticas durante os dois séculos subseqüentes.

Da alegre liberdade dos primeiros dias da Revolução Francesa até os dias em que tantos foram “forçados a ser livres”, durante o Terror; através do romantismo e das utopias sociais do século XIX; através do comunismo do século XX, com seus ideais e seus horrores; através do fascismo; até a revolução social dos anos 60 – tudo isso conteria ingredientes das idéias de Rousseau. Tamanho era o poder de seu pensamento que não poderia

simplesmente ser descartado em virtude de suas contradições. Seus rasgos de enlevo eram tais, sua liberdade, suas irracionalidades e suas conseqüências irrefletidas tamanhas, que talvez fosse mesmo destinado a provocar excessos. Ainda assim, grande parte desse pensamento foi se consolidando silenciosamente, até se tornar a pedra fundamental de nossa moderna crença a respeito de nós mesmos, bem como das expectativas instintivas que temos de uma sociedade justa. (STRATHERN, 2004, p. 70)

Vale ressaltar também que, segundo Ernst Cassirer (1994; 1999), o século XVIII evidenciou e glorificou “a suprema faculdade do homem” na razão e na ciência, repousando-se num “mundo da forma fixo e pronto”. Para ele, não existe um século que tenha sido tão profundamente impregnado e mobilizado pela idéia do “progresso intelectual” quanto o século das Luzes. Esclarece ainda, que

Equivocar-se-iam, porém, sobre o sentido essencial dessa idéia, aqueles que tomassem “progresso” num sentido *quantitativo* como uma simples *extensão* do saber, como um *progressus in indefinitum*. A par da ampliação quantitativa encontra-se sempre mais consciente e mais pronunciado ao centro próprio e característico da expansão. Se se busca multiplicidade, é para aí encontrar a certeza da unidade. Dedicar-se à extensão do saber com sentimento, com a segurança de que ele não vai enfraquecer e diluir o espírito mas, pelo contrário, vai reanimá-lo e “concentrá-lo”. Percebe-se que os diversos caminhos que o espírito deve percorrer, franqueando-lhe a realidade como um todo a fim de lhe traçar o quadro completo, só aparentemente são caminhos divergentes. Objetivamente considerados, os caminhos divergem, mas essa divergência nada tem de dispersão. Todas as energias do espírito permanecem ligadas a um centro motor comum. A diversidade, a variedade das formas é tão-só o desenvolvimento e o desdobramento de uma força criadora única, de natureza homogênea. Quando o século XVIII quer *designar* essa força, sintetizar numa palavra a sua natureza, recorre ao nome de “razão”. (CASSIER, 1994, p. 22)

Por outro lado, Cassirer considera que Rousseau foi o primeiro filósofo que não só questionou a segurança desse “mundo de forma fixo e pronto” como também abalou o seu alicerce, abandonando-se num certo sentido ao *caos*, fonte e manifestação de sua força singular e criadora. Para ele, Jean-Jacques ousa se entregar ao impulso: “opõe ao modo de pensar essencialmente está-

tico do século a sua própria dinâmica inteiramente pessoal do pensamento e sua dinâmica do sentimento e da paixão” (1999, p. 39). Foi esse homem que, amado por uns e odiado por outros com o mesmo vigor, insistiu que deveríamos buscar experimentar nossa “verdadeira natureza”.

De acordo com Strathern,

O iluminismo marcou um avanço basicamente intelectual, e sua ênfase na razão tendeu a suprimir as emoções. O comportamento civilizatório era visto como um exercício de contenção. [...] Essa repressão de uma parte essencial da natureza humana chegaria ao fim com a explosão do movimento romântico. Rousseau seria, de muitas formas, o homem que instigaria esse movimento. [...] sua coragem consistiria em tentar uma defesa da humanidade contra a razão que a estava sufocando. Como poderia ele justificar, de maneira razoável, a irracionalidade que move todos nós? Como poderia mostrar que existe, de fato, sob o verniz da razão civilizada, um elemento de nossa humanidade? Com a ajuda da moderna psicologia, é possível ver aqui um reconhecimento precoce do inconsciente – e a tentativa inicial de integrar à personalidade humana essa força desestabilizadora. (2004, p.19-20)

Embora tenha questionado e abalado os pilares do seu século, Rousseau, como um homem de seu tempo, vê também como saída para o “declínio da humanidade” a formação do “homem da natureza” através do desenvolvimento dessa “força criadora única, de natureza homogênea”, que dota o humano de uma vitalidade capaz de superar-se a si mesmo. Podemos observar esse aspecto nas próprias palavras de Rousseau, quando afirma que o humano deve ser governado pela autoridade de sua própria razão.

Mas considerai primeiro que, querendo formar o homem da natureza, não se trata por isso de fazer dele um selvagem e de relegá-lo ao fundo dos bosques, mas, envolvido no turbilhão social, basta que ele não se deixe arrastar nem pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; veja ele pelos seus olhos, sinta pelo seu coração; não o governe nenhuma autoridade, exceto a de sua própria razão. (ROUSSEAU, 1999, p. 339)

Mesmo que seja apenas uma impressão, sentimos em Rousseau uma forte crença na capacidade do fenômeno educativo de ativar no indivíduo o vigor, desejo e ânsia de torná-lo um ser

humano apto a aprender, simultaneamente, a mandar e a obedecer, tendo como fundamento a justiça e a benevolência e sendo, ele mesmo, a medida de todas as coisas.

Para Strathern, a tese fundamental de Rousseau

era que a história da humanidade não passara da história de um calamitoso declínio. A humanidade era essencialmente boa por natureza, mas fora corrompida pela civilização e pela cultura. Isso não era devido a nenhuma intrínseca semente de corrupção, mas simplesmente ao fato de que a humanidade seguiria um caminho equivocado. (STRATHERN, 2004, p. 21)

Refletindo acerca dessa passagem, alguns questionamentos aparecem como indicadores de uma tensão que nos mobiliza a seguir desenvolvendo a pesquisa referente à paidéia rousseauiana: Qual caminho precisa seguir a humanidade? Buscar a felicidade e priorizar uma formação humana capaz de potencializar os sentimentos de autopreservação e benevolência seriam as ações primordiais para voltar ao estado de natureza? Como é possível conservar esse estado de natureza, se a humanidade seguiu um “caminho equivocado”?

Com essas questões seguimos investigando as possibilidades de encontrar na proposta pedagógica de Jean-Jacques Rousseau, mais do que respostas conclusivas para as grandes tensões do nosso tempo, subsídios que favoreçam a concretização de uma prática educativa voltada para a formação de seres humanos livres, criativos e solidários.

Anotação 2: Breves palavras ou sobre a gênese da formação humana

Ainda que os seres humanos sejam os mesmos, afirma Rousseau, cada idade tem suas molas que a impulsionam, fazendo-a mover-se. Segundo ele, aos 10, a pessoa move-se por doces; aos 20 por uma namorada; aos 30, pelos prazeres, aos 40 pela ambição; e aos 50, pela avareza; questionando-se acerca de quando ela se dedicará à sabedoria. Com sua proposta, pretende apresentar um programa que dê conta do processo de formação humana, destacando que os indivíduos nascem duas vezes: uma para a existência e outra para as paixões.

Primeiro nascimento: a idade da natureza e da inteligência

No primeiro nascimento, nada deve ser ensinado. Por outro lado, tudo que se aprende é pelo imperativo da própria existência, portanto, o aprender está condicionado ao que é necessário e útil para favorecer o desenvolvimento das capacidades inatas da criança. Os cuidados devem ser apenas voltados para manter a sua integridade física, por isso o zelo com as relações estabelecidas entre a criança e o ambiente, que lhe possibilitarão o exercício do aprendizado de si e da experimentação dos limites colocados pela própria natureza.

É o momento de viver a liberdade e excitar a *razão sensitiva*, que sustenta as características principais dos seres humanos: inquietação, fraqueza e insuficiência.

Em vez de deixá-lo (Emílio) estragar-se no ar corrompido de um quarto, que seja levado diariamente a um prado. Ali, que corra, se divirta, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar. O bem-estar da liberdade compensa muitos machucados. Meu aluno muitas vezes terá contusões; em compensação, estará alegre. (ROUSSEAU, 1999, p. 67)

Há necessidade, portanto, de um trabalho que possibilite a relação de sentidos pelos sentidos: olfato, audição, paladar, tato e visão, consistindo na base para o desenvolvimento da razão intelectual, manifesta na curiosidade, potência, força e idéia.

Viver não é respirar, mas agir; fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. (ROUSSEAU, 1999, p. 15)

Exercitais seu corpo, seus órgãos, seus sentidos e suas forças, mas conservai sua alma no ócio tanto tempo quanto possível. [...] Deixai que se amadureça a infância nas crianças. Enfim, faz-se necessária para elas alguma lição? Evitai dá-la hoje, se podeis adiá-la para amanhã sem perigo. (ROUSSEAU, 1999, p. 92)

Na perspectiva rousseauiana, o *andar* caracteriza o primeiro estado da infância, sendo o choro a sua linguagem e a primeira relação dos humanos com tudo que o cerca. Afirma Rousseau, a criança não podendo satisfazer as suas necessidades, pede ajuda

pelos gritos, “se sente muito frio ou muito calor, chora; se precisa de movimento, mas a mantêm em repouso, chora; se quer dormir, mas a agitam, chora. Quanto menos dispõe de sua maneira de ser, mais ela exige que a mudem” (p.50-51).

Segundo ele, antes de falar, comer e andar, a criança é igual ao que era no ventre da mãe: sem sentimento, sem idéia, poucas sensações e sem percepção de existência. “*Vivit, et est vitae nescius ipse suae*” (“Vive, e não tem consciência de sua própria vida” - ROUSSEAU, 1999, p. 64).

Já o *falar* caracteriza o segundo estado da infância e a sua linguagem modifica-se do choro para a fala. “Quando as crianças começam a falar, passam a chorar menos. Esse progresso é natural, uma linguagem é substituída pela outra” (ROUSSEAU, 1999, p. 65). Liberdade, força, conhecimento singularizam esse estado e põem a criança em condições de dirigir-se ela mesma. Inicia-se o processo de tomada de consciência de si.

Depois de ter começado por exercitar o seu corpo e os seus sentidos, exercitam seu espírito e seu juízo. Finalmente reunimos o emprego de seus membros ao de suas faculdades; fizemos um ser ativo e pensante; para terminar o homem, só nos resta a razão pelo sentimento. Mas, antes de entrar nesta nova ordem de coisas, consideremos a ordem de que saímos e vejamos o mais exatamente possível até onde chegamos. (ROUSSEAU, 1999, p. 262)

Eis aí o terceiro estado de que trata Rousseau. Por falta de um termo apropriado para designá-lo, o filósofo continuará chamando de infância, pois essa idade está próxima à adolescência, sem ser ainda a da puberdade. Salienta que a opinião alheia nada pode sobre ela, seus desejos não vão mais longe do que seus braços; não apenas pode bastar a si mesma como também tem mais forças do que precisa; é o único tempo de sua vida em que isso acontecerá.

Para esse autor, não há tempo para fazer tudo o que seria útil nesse estado.

Aos doze ou treze anos, as forças da criança desenvolvem-se bem mais rapidamente do que as suas necessidades. O mais violento, o mais terrível ainda não se lhe revelou; o próprio órgão permanece imperfeito e, para sair desse estado, parece aguardar que a sua vontade o force a isso. (ROUSSEAU, 1999, p. 201)

Segundo nascimento:

a idade da energia, da força vital e da sabedoria

Ao sair da infância, segundo Rousseau, o ser humano experimenta um momento de crise: não é nem criança, nem adulto e não pode ter a voz de nenhum dos dois. Como o indivíduo não foi feito, em geral, para permanecer sempre na infância, dela sai no tempo indicado pela natureza, e esse momento de crise, embora muito curto, tem longas influências.

Considerando que, no segundo nascimento, os seres humanos despertam para as paixões, para Rousseau, façamos o que fizermos, elas sempre nascerão no coração dos jovens, apesar de tudo, é tempo, portanto, de acordo com ele, de mudar de método. Como na primeira infância, voltaram-se os cuidados para o ambiente e a qualidade das relações que a criança estabelecia, nesse momento, é preciso cuidar do indivíduo, pois o seu maior inimigo é ele mesmo.

Por mais que façamos, de todos os inimigos que podem atacar um jovem o mais perigoso e o único de que não podemos afastá-lo é ele mesmo. Tal inimigo, porém, só é perigoso por culpa nossa, pois, como já disse mil vezes, é unicamente pela imaginação que os sentidos despertam. (ROUSSEAU, 1999, p. 458)

Desse modo, indivíduo formado, porque desenvolveu plenamente as suas capacidades naturais, está apto para amar e viver em sociedade, o propósito a partir daí será formar o ser cidadão. Para tanto, há que se encontrar um amor e viajar. É o que prescreve Rousseau, no Livro V do *Emílio*, como necessidade básica para completar a educação da pessoa humana, sendo esta o único bem a ser doado à sociedade.

Anotação 3:

Breves palavras ou algumas considerações sobre o *amor-de-si*

As primeiras palavras proferidas por Rousseau, no Livro I, do *Emílio*, são: "Tudo está bem quando sai das mãos do Autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem" (p. 07). Uma

explicação para isso seria, talvez, que, para Rousseau, o ser humano é por natureza bom, mas corrompido pela sociedade.

De acordo com as interpretações mais comuns do seu pensamento em relação a esta questão, Rousseau está sustentando que os homens nascem, se não exatamente virtuosos (pois isso envolve o conhecimento do bem e a vontade consciente de o praticar), pelo menos predispostos à virtude – benignos, afetuosos e ternos em seus sentimentos e disposições inatos, naturalmente inclinados para tratar com magnanimidade e amor todos aqueles com quem se relacionam.

Agressividade, malícia, rancor, despeito e inveja são estranhos ao coração humano imaculado que sai das mãos do seu Criador. Essas disposições malignas só se instalam porque outras pessoas pervertem e destroem a inocência e a integridade naturais do indivíduo.

Ora, se o indivíduo é bom e a sociedade é composta de indivíduos, quem corrompe quem? A menos que existam tendências (latentes) para a prática do mal, como pode a sociedade engendrar a corrupção? Rousseau acreditava ser possível alguma espécie de sociedade e estado benigno – o que o Livro V, do *Emílio*, se dedica a explicar.

Segundo Dent (1996), uma passagem crucial para se compreender o pensamento de Jean-Jacques Rousseau, referente à natureza humana, está no Livro IV, do *Emílio*, onde ele distingue as paixões “naturais” do homem de suas paixões “exóticas”, isto é, estrangeiras, que vêm de fora. Reconhece aí que “natural” tem o significado de “inato”, que o que nasce conosco é, real ou potencialmente, parte de nossa herança.

O sentido significante em que as paixões são “naturais” é, antes, que elas são “instrumentos da nossa liberdade, tendem a nos conservar”. Aquelas paixões que, pelo contrário, “nos subjagam e nos destroem vêm de outra parte; a natureza não no-las dá, apropriamo-nos delas à sua revelia”, são “exóticas”, portanto (ROUSSEAU, 1999, p.273).

O exemplo mais claro do que é natural e bom, para Rousseau, é o *amor-de-si*, que é “a fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive” (1999, p. 273). Nesse sentido, pensamos como Cassirer (1999), o “bom” em questão é autopreservação e vida fecunda da criatura humana; e o que é

“natural” são as paixões que conduzem a esse bem, seja imediata ou indireta, seja instintiva ou por deliberação consciente.

Do *amor-de-si* deriva a tendência para amar o que nos preserva. Para Rousseau, portanto, é natural que toda criança se apegue em quem a proteja, ilustrando que “Rômulo deve ter-se apegado à loba que o havia amamentado”. No começo, segundo ele, esse apego é meramente “mecânico”, “instinto cego”; o que converte esse

instinto em sentimento, o apego em amor, a aversão em ódio é a intenção manifesta de prejudicar-nos ou de ser-nos útil. O primeiro sentimento de uma criança é amar a si mesma, e o segundo, que deriva do primeiro, é amar os que lhe são próximos, pois no estado de fraqueza em que se encontra não conhece ninguém a não ser pela assistência e pela atenção que recebe. (ROUSSEAU, 1999, p. 274)

No mesmo sentido do que é natural, a nossa afeição por aqueles que nos ajudam e nos mantêm e a nossa gratidão por sua ajuda também são sentimentos naturais. Todos eles provêm, ajudam e favorecem a nossa autopreservação e a plenitude de nossa vida. De acordo com a compreensão de Rousseau, as outras paixões são, num certo sentido, modificações desse *amor-de-si*, amor primordial.

Isso significa, na sua compreensão, que mesmo as paixões perniciosas e escravizadoras “são naturais”. Contudo, para ele,

[...] a maior parte dessas modificações tem causas estranhas, sem as quais elas jamais ocorreriam; e essas mesmas modificações, longe de nos serem vantajosas, são-nos nocivas; mudam o primeiro objeto e vão contra seu princípio; é então que o homem vê-se fora da natureza e põe-se em contradição consigo mesmo. (p. 273-274)

Ainda para Rousseau,

o amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente e nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-

próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião. A partir desse princípio, é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. (1999, p. 275)

Desse modo, Rousseau sustenta que, logo que um ser humano forma qualquer espécie de relação ou associação estável com um outro, essa relação suscita no indivíduo um desejo, que rapidamente o domina e se torna absorvente, de estabelecer-se como superior, de adquirir um poder arbitrário e despótico, de impor submissão e ignomínia ao outro, em cuja degradação encontra o prazer e prova de sua própria importância e valor. As relações humanas são assim completamente desfiguradas por um desejo insaciável de dominação e prestígio, que exige e impõe deferência e subordinação.

Como todos alimentam esse mesmo desejo, competição e conflito impregnam inexoravelmente toda a associação humana. Dissimulação, fraude, agressão e malevolência são as notas predominantes do intelecto humano. Valores artificiais ou marcados pelo capricho – aqueles cuja significação consiste unicamente em dividir pessoas em superiores e inferiores – substituem todos os valores reais, isto é, os que produzem verdadeiro crescimento e proveito.

As pessoas tornam-se alienadas de si mesmas quando adotam os disfarces necessários para obter e reter sua odiosa precedência. Seu próprio sentido de valor e sucesso pessoal, do valor de suas vidas, depende de ocuparem uma elevada posição na sociedade. É da opinião que outros têm delas que retiram o sentido de sua própria realidade. Cargos, hierarquias, alocações de bens, enfim, tudo está estruturado de forma a sustentar o padrão de superioridade e de inferioridade, de ascensão individual de um enquanto outros são rebaixados.

O amor-próprio, dessa maneira, acaba por desalojar o *amor-de-si*, substituindo o bem intato e sereno que caracteriza este último pelo bem enganoso e ilusório que consiste em obter odioso domínio pessoal sobre outrem. De acordo com essa explicação, Rousseau tende a ver o amor-próprio como, acima de tudo, a fonte de corrupção e sofrimento pessoais, e de perversidade social. Quando ele diz, com freqüência, que o homem é bom por

natureza mas corrompido pela sociedade, o que tem em mente é o fato de que o contato social põe em relevo o amor-próprio e amplia a sua influência.

Uma vez que o contato social destaca o amor-próprio, e uma vez que o amor-próprio é inexoravelmente nocivo e corruptor, Rousseau considera muito escassas, de fato, as perspectivas para os humanos viverem vidas fecundas, abundantes e gratificantes juntos numa sociedade que exalta o amor-próprio em detrimento do *amor-de-si*. O homem está em profundo conflito consigo mesmo e com os outros; já não é mais possível considerar uma harmonia de indivíduo e grupo como em algumas descrições que sustentam que a vida social promove a realização do potencial humano. Por esse motivo, talvez, Rousseau sugere que o melhor seria retirar o indivíduo da sociedade e “voltar à natureza”.

Talvez os piores malefícios do amor-próprio possam ser moderados mediante o reforço das disposições criativas, benévolas e cooperativas da compaixão. Através dela, as pessoas podem chegar a sentir um recíproco interesse benevolente e a querer viver juntas, apoiando-se mutuamente. Mas, o amor-próprio tende para a extinção de tais disposições. Segundo a compreensão de Dent (1996), o amor-próprio é, às vezes, traduzido como vaidade, orgulho, ufania, mas nenhum capta o sentimento tão bem quanto aquele termo.

Na concepção desse autor, o aspecto mais importante e expressivo do seu significado relaciona-se com a avaliação do que é bom e valioso para a própria pessoa em função da falta dessas coisas em outros, em função de os outros serem de pouca ou nenhuma valia em comparação com a própria pessoa. Assim entendido, o amor-próprio é um desejo agressivo que contém a necessidade de controlar outros e de os obliterar.

Rousseau (1999) sustenta haver uma integridade básica na constituição e propósitos dos seres humanos que é propícia ao seu próprio bem-estar e plenitude da vida, para eles mesmos e no trato com os outros. E é através dessa crença nessa integridade própria da constituição humana que o autor chega à crença na ordem providencial de Deus. Os seres humanos não estão, pensa ele, fundamentalmente divididos contra si mesmos: quando isso ocorre, devemos suspeitar de alguma deformação externamente engendrada. Ele explica então como traços e disposições moralmente bons decorrem de sua própria integridade e a desenvol-

vem. Assim, ele conclui que a maldade moral é antinatural e origina-se em influências externas.

Entregar-se ao objetivo de dominação, uma pessoa coloca-se em conflito com a sua própria e verdadeira natureza e com o seu próprio bem. A disposição adequada à natureza individual é o *amor-de-si*, uma preocupação inata, como afirmamos, em preservar a própria existência e em ter uma vida fecunda.

Porém, o *amor-de-si* não é uma preocupação consciente, não é orientado por um conhecimento do que é benéfico ou pernicioso; e pode ser desviado do seu objeto apropriado por acontecimentos que poderão ocorrer ao ser humano. Como por exemplo, a ira de uma criança diante de uma frustração, sua birra por não conseguir fazer o que quer podem levá-la a ver as outras pessoas não como sustentáculos, mas como perseguidores malignos que, odiosamente, a contrariam. Isso a lança em competição pelo controle sobre elas e em luta perpétua por dominação num contexto impregnado de ameaças e medo.

Se esse padrão de expectativa e resposta se consolida, como pode acontecer através do tratamento errôneo das necessidades e reações das crianças, então, longe de ser instigada por paixões que a preservem e favoreçam sua liberdade, pelo fluir da vida abundante, ela será impelida por agressão, medo e cólera, que não só são intrinsecamente perniciosos, mas também criam uma situação que bloqueia qualquer desenvolvimento no sentido da ampliação da capacidade pessoal ou criativa. Entretanto, importa ressaltar que, para Rousseau, a tendência original da criança para a birra não é, em si mesma, exótica. É um elemento em sua auto-afirmação, em seu direito à vida.

No entanto, através de equívocos ou infortúnios ao lidar com essa reação, desenvolve-se na criança uma atitude perante a vida, ela própria e os outros, que a coloca em conflito com o seu propósito pessoal de ter uma vida fecunda, abundante, em convívio com os outros, pelo que acaba encontrando-se “em contradição com ela própria”. Por outro lado,

Rousseau não teria ficado feliz, porém, com a tendência de uma certa educação centrada na criança que permite a esta pensar que pode fazer tudo o que seus impulsos lhe ditam, pois ele acredita que o capricho, admitido como lei, seria inimigo de um crescimento bem-sucedido. (DENT, 1996, p. 119)

A partir daí, podemos perceber que Rousseau diz que o amor, a gentileza e a benevolência (bondade) constituem disposições naturais, e a crueldade, o rancor e a cobiça são antinaturais. Isso não é porque ele pense que cada um nasceu, por assim dizer, um santo a quem os outros pervertem, mas porque as primeiras disposições, anteriormente citadas, resultam de, harmonizam-se com e favorecem o bem-estar de um indivíduo, ao passo que as segundas contrariam e conflitam com a busca e a realização desse bem-estar – algo que ninguém quer que aconteça a menos que tenha sido submetido a circunstâncias deformadoras. Isto posto, como Dent, entendemos que

Não se trata de que Rousseau suponha não haver ninguém que possua uma tendência para causar dano a outras como seu princípio primordial; mas, mediante o seu argumento em duas etapas, ao mostrar como as segundas disposições são perniciosas para o indivíduo, ele conclui que elas são alheias ao seu ser. (DENT, 1996, p. 50)

O importante é compreender que, em Rousseau, o objetivo de uma boa educação, de um projeto de vida que habilitará uma pessoa a manter-se na posse de seus poderes e a expressá-los em todos os aspectos de sua vida, é conservar a fé na integridade da natureza. Segundo ele, o objetivo do homem em garantir uma odiosa superioridade age contra o verdadeiro bem do próprio homem.

Não faz parte do bem humano a necessidade de dominar ou de exigir a humilhação de outros. Tal desejo é uma expressão de agressão, a qual é tão prejudicial ao agressor quanto aos alvos de sua agressão. Viver uma vida dominada por propósitos agressivos não é simplesmente desertar, mas contrariar os interesses cooperativos e criativos que prometem plena satisfação de acordo com as reais necessidades humanas.

Anotação final: Breves palavras não conclusivas

Ao estabelecer essa primeira aproximação com a proposta pedagógica de Jean-Jacques Rousseau, deparamo-nos com um campo de possibilidades interpretativas que nos impulsiona a perguntar a nós mesmos, como indivíduos corrompidos, se te-

mos realmente a capacidade de promover a formação de seres humanos livres, criativos e solidários e, se há alguma possibilidade, por quais meios poderíamos efetivar esse projeto.

Ressaltamos que essas anotações apontam para a necessidade de continuidade da pesquisa acerca do processo de formação humana e sua gênese, assim como da compreensão do conceito *amor-de-si* de forma mais vigorosa e autêntica, ainda que o reconhecendo como uma possibilidade de exercício de uma ação educativa a serviço da vida, porque não hierarquiza, não exclui e nem classifica.

Lembramos que, antes de Rousseau, as crianças eram usualmente tratadas como se fossem ignorantes e ingovernáveis adultos em miniatura, seus comportamentos eram simplesmente inaceitáveis e, geralmente, eram confiadas às empregadas ou babás, que, em sua maioria, eram analfabetas. De acordo com Strathern, no tempo do filósofo iluminista, havia pouca ou nenhuma compreensão do que significava ser uma criança; “as crianças simplesmente não recebiam permissão para serem crianças. Em vez disso, haviam sido aprendizes de adultos” (2004, p. 61).

Outro aspecto que nos chama bastante a atenção é a mudança de estado da natureza, observada por Rousseau, de criança para adolescente e deste último para a maturidade e a vida adulta, assim como a mudança de método no trabalho do preceptor diante dessa passagem. Na infância não se deve eliminar nenhum obstáculo físico da aprendizagem da criança que se quer educar para a independência da vontade e do caráter, não devendo, portanto, poupá-la de nenhum sofrimento, esforço ou privação. O único cuidado que se deve ter é protegê-la da imposição violenta de uma vontade alheia, isto é, de uma norma que o infante não entenda em sua necessidade. “Desde a mais tenra infância, ele deve conhecer a coação das coisas, e aprender a curvar-se diante dela, mas deve ser poupado da tirania dos homens.” (CASSIRER, 1999, p. 62).

Estamos cientes que essas anotações são vestígios, que poderão contribuir com a compreensão da formação humana, e, quiçá, possibilitarão uma revisão das práticas pedagógicas na tentativa de constituir-se como um caminho consciente para a ativação e fluir do *amor-de-si*, evitando um trabalho cujo fundante seja a promoção da comparação, do estabelecimento de hierarquias e da competição.

Embora finalizando essas anotações, nossas dúvidas persistem e só nos restam continuar perguntando: Como se dá concretamente o processo de destruição ou potencialização da força vital/natural da espécie humana? Por quais vias o ser humano conseguirá sair do estado de malevolência? Como os seres humanos ativam o amor-próprio em detrimento do *amor-de-si*? É possível através de uma prática pedagógica contribuir para a ativação e fluir desse estado potencial? E, finalmente, tendo em vista que a humanidade se degenerou, e a humanidade somos cada um de nós, como evitar uma pedagogia que promova as paixões maléficas nas relações sociais e educativas?

Acreditamos que, ao aprofundar as questões aqui anunciadas, favoreceremos a criação de condições necessárias para uma efetiva realização e desenvolvimento da emancipação do ser humano em base à felicidade e em contraposição ao desejo de manipular e oprimir a si mesmo e os outros. Cremos também que, através de uma pedagogia que exalta o *amor-de-si*, poderemos proporcionar universos educativos precipitantes de fluxos, contextos e aprendizagens significativamente renovados, favorecedores de espaços de interlocução, amorosamente dispostos a acolher o *outro* e suas possibilidades latentes e manifestas.

ABSTRACT: This essay has as objective to present the first notations on the essence of the education have thought by the philosopher Jean-Jacques Rousseau, that is, his Paideia. It is configured a genesis of the human being formation from the thought's author that considers the human being has been born twice: one of it is to exist and other to live, one of it to the species another one to sex. It also reflects on the capacity of the educative phenomenon to activate in the individual the vigor, desire and anxiety, to become it a perfect and apt human being to learn, simultaneously, to order and to obey, having as bedding justice, such which nailed the Greek pedagogy and that is ratified in his book named *Émile*, or on Education. Finally, it discusses the conception of love-of-itself as an indication for the pedagogical practical construction of the one effectively service of the life.

KEY WORDS: Natural passion; Human development; Practical pedagogical;

Referências

- CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Trad. Erlon José Paschoal, Jézio Gutierrez; revisão Isabel Maria Loureiro. – São Paulo: Editora UNESP, 1999. (Biblioteca básica)
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do iluminismo**. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- DENT, N. J. H. **Dicionário de Rousseau**. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Paidéia)
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. / Trad. Fulvia M. L. Moretto. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- STRATHERN, Paul. **Rousseau em 90 minutos**. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.